

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO
Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXI Volume

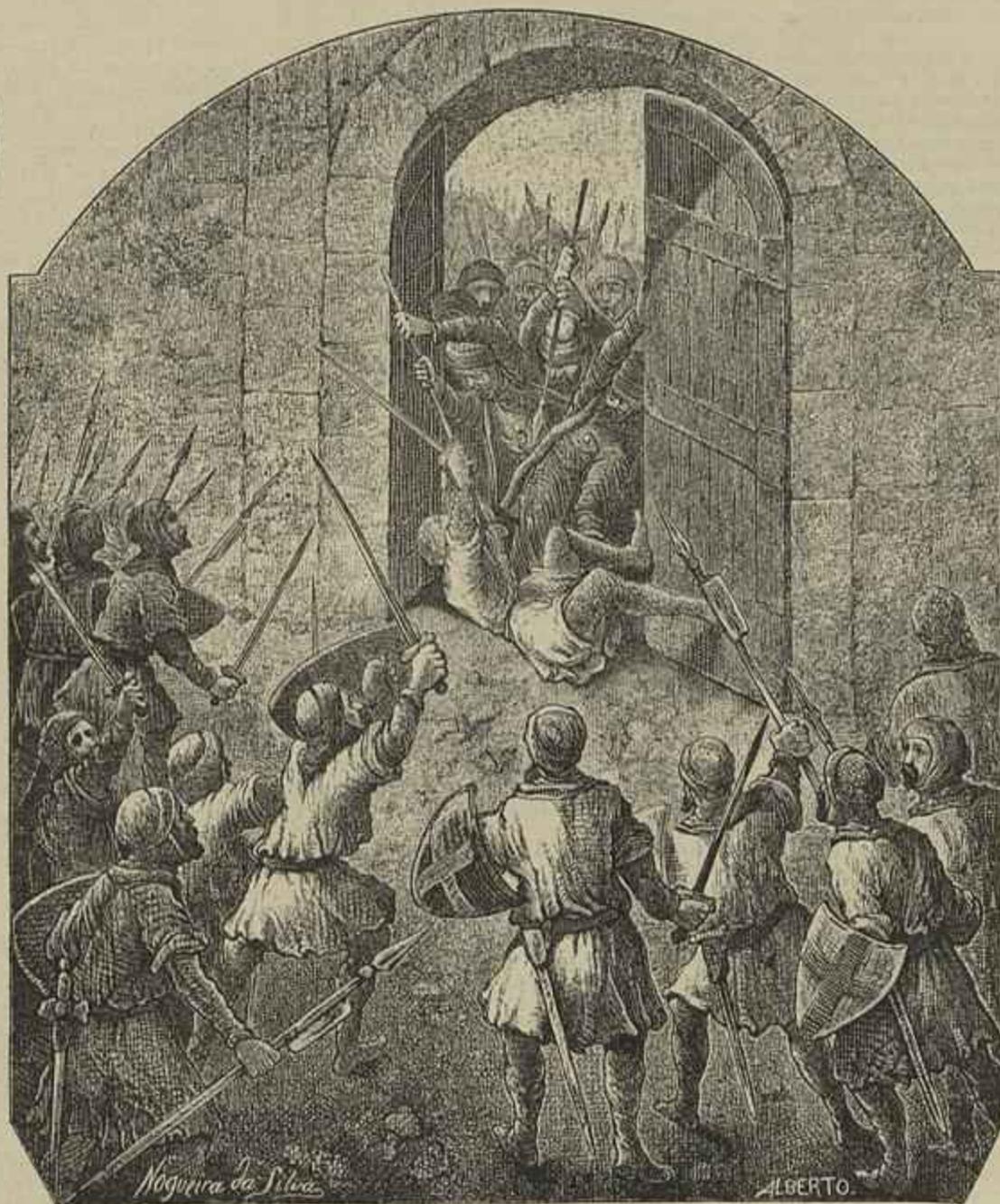
Redacção e Administração
Travessa do Convento de Jesus, 4

10 de Setembro de 1908

Composto e impresso na Typ. de Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 7

N.º 1069

O Castello de Lisboa



MARTIN MONIZ, NA CONQUISTA DE LISBOA, ATRAVESSA-SE NA PORTA DO CASTELLO PARA FORÇAR A ENTRADA
Fac-simile de um desenho de Nogueira da Silva e gravura de Caetano Alberto, publicada no ARCHIVO PITTORESCO, em 1867

CHRONICA OCCIDENTAL

Está inaugurada a secção de Portugal na grande exposição do Rio de Janeiro, patenteando o que de mais bello e culto se produz na industria portuguesa.

Parece que os desastres financeiros que de ha muito esmagam a nossa virilidade e ameaçam o futuro de uma nação tão gloriosa pelos feitos gigantes dos seus antepassados como mimosa

em dotes naturaes, irritaram a nossa vaidade e brio, acordando-nos para o trabalho e para a lucta.

Raça de heróes e de conquistadores, sabendo como poucas brandir uma espada no campo da batalha, e, como nenhuma outra, manobrar o leme das caravelas numa derrota audaciosa, o seu genio empreendedor e aventureiro e a sua compostura fidalga mal se acomodavam com estes labores burguezes, que hoje se impõem ás sociedades modernas, orientadas nos principios utilitarios e positivistas.

A's luctas epicas dos nossos marinheiros e soldados succedeu a lucta pela sciencia e pelo trabalho. Já não se conquistam imperios na India, na America e na Africa: arroteam-se campos e criam-se industrias.

Estamos no seculo das exposições; succedem-se ellas umas ás outras e em toda a parte, mostrando que se tornaram uma necessidade, e isto nos conduz naturalmente a concluir pelas suas vantagens.

Da exposição portuguesa no Rio de Janeiro deduzem-se consequencias importantes.

Na maioria dos casos e nosso país tem recursos bastantes para satisfazer ás necessidades da sua gente. As indústrias estão adeantadas e acompanham os progressos modernos, que assinalam o estado das similares em outros países com recursos bem maiores e ha muito mais tempo experimentados nestas lides.

Não ha país nenhum que possa aspirar a ter dentro de si todos os artigos que são indispensaveis para os usos da vida. A emancipação completa é uma utopia, a que se opõe o exame dos factos. Os países mais poderosos da actualidade são aquellos que mais dependentes estão dos estrangeiros. A facilidade de comunicações que existe já entre todos elles, graças á applicação do vapor, quer para mover os navios nos mares quer para arrastar ao longo dos carris de ferro os pesados comboios, carregados de productos e de passageiros, é o elemento poderoso que equilibra o preço de todas as coisas.

Uma nação não pôde prosperar só porque possui uma grande, florescente industria: é na harmonia das boas condições de todas que está a sua prosperidade.

A humanidade é uma só familia, e o patrimonio da sciencia é para uso comum de todos os homens.

Os concursos de productos a uma exposição são um apelo á paz e á união. Todas as hostilidades expiram nesse convívio temporario; a mesma paz deve prolongar-se passado o periodo do accordo, para que sejam duradouros os seus resultados.

Não ha ponto algum na superficie do planeta que não tenha influencia no conjunto dos factos, como no mundo solar não existe corpusculo algum pulverisado na imensidade do espaço, que não figure pela sua massa material na perturbação dos movimentos.

Os portuguezes que, emigrados para o Brazil, ha longos annos deixaram a terra da sua patria, devem receber agora, por tudo aquillo que lá fomos mostrar-lhes, uma bem grata consolação. Assim não de poder elles vêr, e fazer vêr aos outros, tudo quanto, pelos factos da nossa industria nacional, fala em abono da intelligencia, dedicação e sentimentos patrióticos do nosso povo, e como todos procuramos, cada qual na esteira da sua atividade e competencia profissional, crear recursos novos, acudir ás necessidades mais instantes do país.

Era costume velho em Portugal aceitar, com preferencia, os objetos importados p'lo commercio. Durante muito tempo, tudo o que por cá se fabricasse era, só por este facto, depreciado sem mais reflexão. E, verdade, verdade, em não poucos casos tinha o consumidor razão. A industria nacional, quasi sem educação e sem auxilio, não podia levantar-se, só pela iniciativa particular, á altura das indústrias de outras nações estrangeiras, a que não faltavam uma e outra coisa, dispondo além d'isso de vastos mercados internos e externos e de tradições commerciaes, que lhes garantiam consumo rapido e remunerador. Não ha ainda muitos annos, estavamos reduzidos a exportar vinho, cortiça, frutas secas, peixe e pouco mais; tudo o mais, importava-se. Por isso o desequilíbrio economico era fatal e permanente; e, como tinhamos credito, o deficit annual saldava-se com os empréstimos.

Assim iam vivendo numa saborosa indiferença, contentando-nos, no respeitante a industria, com as cadeiras de Evora, as mantas de Almodovar, a cutelaria de Guimarães, os briches de Monchique, os chapéus de Braga, os sapatos de Vianna do Castello, tudo coisas bem típicas, productos de muita habilidade, mas tudo de mediocre valor industrial. E quando um espirito mais arrojado se lançava em qualquer empreza larga, de alcance economico e de feição moderno, encontrava na frente a concorrência estrangeira favorecida pelos tratados de commercio, pelas facilidades aduaneiras, e, sobretudo, pelo desprezo ou a depreciación nos mercados nacionaes.

Nenhuma lucta mais desigual nem mais perigosa. Neste apertado circulo, nem os governos podiam agravar o direito da importação, porque o consumidor enchia-se de razão e protestava, faltando-lhe a producção indigena, nem se creavam ou aperfeiçoavam indústrias, por não contarem com remuneração vantajosa.

Coincidindo com este deploravel estado de coisas, rebentava a crise pavorosa. As finanças do Estado estavam arruinadas, a taxa do imposto tinha attingido o maximum da tolerancia, o país definhava, a emigração crescia, o dinheiro metalico desaparecia, as grandes casas bancarias aproximavam-se da insolvencia, as questões politicas azedavam-se.

Lançado nesta adversidade, o país entrou então, e rapidamente, na compreensão precisa dos

seus males e do perigo dos seus males. Começando por querer reduzir o desequilíbrio economico, dadas as grandes difficuldades para satisfazer os encargos dos empréstimos, governos e indústrias pensaram então a serio numa cooperação reciproca, no sentido de desenvolver o fomento industrial.

Viu-se o que era já, pouco depois, a representação de Portugal na exposição de Paris em 1900; viu-se depois, em 1904, como figurámos na formidavel exposição universal de S. Luiz; vê-se agora, e com desvanecimento o não-de ver todos os nossos compatriotas emigrados no Brazil, o que é a secção portugueza no certamen do Rio de Janeiro.

Transformámos os processos rotineiros, trabalhosos e imperfeitos, das indústrias caseiras nos mais delicados e engenhosos processos das indústrias modernas; substituímos o velho e inepto mecanismo d'esses processos pelos grandes descobrimentos que a educação scientifica impõe aos novos; espalhámos o ensino profissional, fazendo do operario rude e inconsciente um artista culto; fomos procurar ás sciencias fisicas e chemicas as forças e as combinações, que generosamente se offercem ao homem para empreender e alcançar os resultados mais assombrosos na grande lucta do fomento industrial; propagámos e dotámos as escolas profissionais, que são os esteios mais resistentes d'esta muralha de oiro e luz, que se chama a Industria; preparámos, enfim, o futuro do país, enchendo-o de prosperidade e gloria!

JOÃO PRUDÊNCIO.



O CASTELLO DE LISBOA

II

(Concluido do numero 1067)

O erudito Visconde de Castilho, copiando a pag. 135 do vol. 3.^o da sua *Lisboa Antiga* (Lisboa, 1885), o paragrapho que transcrevemos, commenta-o da seguinte forma: «Que leões seriam estes? esculturas? pinturas? quem o sabe?»

Quem o sabe? Parece-me advinhal'o. Quem sabe se nos baixos d'esta torre haveria alguma jaula de leões, que, aos Senhores de Ceuta, de Guiné, da Conquista, de além mar em Africa, dos campos e desertos onde caçavam sob o sol africano, trouxessem os cavalleiros portuguezes? Informa-nos Ayres de Sá, que n'um m/s da Bibliotheca Real do Paço de Mafra, viu que, em 1755, quando foi do terremoto, havia anuais ferozes nos Paços da Ribeira; no Paço de Belem, um dos mais modernos, ainda se vê o chamado *pateo dos bichos*, de bem tristes recordações pombalinas.

Conclue-se que era velha uzança dos Reis de Portugal terem, como hoje se diria, *ménagerie* nos seus Paços, não se esquecendo de que eram reis de além mar.

Partindo d'este lado da muralha ha um grosso muro que vae ter á Torre que ficava junto á porta de S. Lourenço, a qual se abria na muralha que descendo á Mouraria ia subir pelo *Monturo do Collegio* e cingir a cidade descendo a *Valverde*. Diz Castilho na sua aqui citada obra monumental, *Lisboa Antiga*, «que no seculo xviii «ainda, segundo o testemunho do autor da *Chorographia Portugueza*, o castello de Lisboa possuía grandes torres, e uma grande entrada encoberta debaixo do chão. Por mais que procurei informarme com habitantes da freguezia de «Santa Cruz, não pude já descobrir onde ia sair «essa entrada encoberta.»

A isto direi que no antigo palacio dos Marquezes de Ponte de Lima, Viscondes de Villa Nova de Cerveira (1) que foram em tempo de D. João I descendentes dos Nogueiras, Alcaides Mores de Lisboa; existe, ao fundo d'um salão, o ultimo do lado do poente, e cujo topo é formado pela muralha antiga da cerca de D. Fernando, uma porta, entrando a qual, se vê, á direita e á esquerda, um estreito corredor aberto dentro da mesma muralha, que decerto era a comunicação da casa dos Alcaides Mores com o Castello e principiava a ser subterranea logo debaixo da porta ou postigo de S. Lourenço, que ficava junto d'este palacio.

(1) Este palacio que fica no Largo da Rosa no fim da rua das Fariñas veio por herança a pertencer á casa dos Marquezes de Castello Melhor seus actuaes proprietarios.

O muro que, da pequena torre contigua á porta de S. Lourenço, sobe até ás muralhas do poente d'Alcaçova, era a continuação da cortina de defesa e quem sabe se ficava sobre o caminho subterraneo. Outra sei que existe, mas essa nunca a vi, e vae ter ao palacio que foi dos Viscondes de Azurara no largo das Portas do Sol, por onde corria tambem outro lanço de muralha passando pela igreja da Commenda de S. Braz da ordem dos Templarios, hoje mais conhecido pelo nome de Santa Luzia. — Do primeiro d'estes caminhos tenho quasi a certeza da sua existencia, justificada porque serviria de passagem de casa do Alcaide Mór para o Castello. Transferido o cargo a outra pessoa é possivel que a passagem fosse tapada. Sem duvida o caminho começava a ser subterraneo no logar do postigo de S. Lourenço indo surgir na alcaçova sob a muralha do poente, ao fim do já mencionado muro que a liga com a dita porta.

Sobre as muralhas encontram-se muitos vestigios das edificações ao correr o adarve do lado do nascente d'onde se disfructa a mais encantadora vista; parece que junto á Torre a que eu chamo a *do Tombo* se vêem os restos d'uma grande sala que servia, talvez, de uma das principaes do archivo real.

Nas vistas da antiga Lisboa, taes como uma do seculo xvi do *Theatrum Urbium*, de Braunio e n'outra: *Plano de Lisboa no seculo XVI*, do mesmo *Theatrum Urbium*, e ainda uma de origem ingleza, vêem de mui diverso modo em cada uma as edificações do Castello, sendo quanto a mim a melhor de todas a que tem a legenda: «Olisipo que nunc Lisboa, civitas amplissima Lusitania, ad Tagum totio Orientis, et mularum Insularum Africæque et Americæ emporium nobilissimum.»

N'esta, sob o numero 49, vê-se perfeitamente entre duas torres a *Porta do Monis* ao centro da praça, hoje chamada nova, vê-se tambem a velha Igreja de Santa Cruz; isto, e os grupos de torres que na referida estampa se vêem, confirmam plenamente que não são muito erradas as conjecturas que ha muito tenho como boas.

N'outra vista, gravura de Schorquens, feita sobre desenhos de Domingos de Vieira Serrão, publicada na narrativa da viagem de Felipe 2.^o a Lisboa em 1619, confirma-se o que fica dito. Na já citada vista de Lisboa, de origem ingleza, do anno de 1650, tambem, quanto á Capella, vejo não estar eu em erro.

Mas, continuando a recordar o passado faustoso do Alcaçar real, lembrarei a magnifica festa que El rei D. Fernando e a Rainha D. Leonor Telles ali deram ao Conde de Cambridge, descripta graciosamente por Fernão Lopes.

O juramento do Principe D. João depois 2.^o do nome.

As aclamações regias, a morte da *excellente Senhora* a Rainha D. Joanna de Castella, segunda mulher de D. Affonso V, que não deixaria de mandar pintar nos seus aposentos a sua divisa tão melancolica como verdadeira: dois alforques e n'elles esta letra: *Memoria de mi derecho*. Ali Gil Vicente lançou os fundamentos do theatro portuguez, com os seus autos nas camaras e salões do paço.

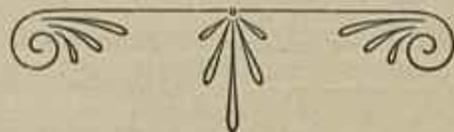
E quantas outras mais cousas se poderiam juntar a estas?

A historia do Castello de Lisboa, espalhada por todas as chronicas e memorias de Portugal, e reunida pelo Visconde de Castilho, com singularissima proficiencia, é uma das paginas gloriosas da historia nacional, já escripta.

Eu quiz apenas fundamentar o meu requerimento a todos os bons portuguezes para que se interessem pela causa.

Quanto a mim: Concordando plenamente em que são horrendas as edificações modernas que, dentro das muralhas, se vêem da cidade, desejaría que fossem corrigidas por conta do Estado, com artistas e artifices portuguezes, na posse da Nação, sob a protecção dos nossos governos, e que cada um fosse com a sua boa vontade, o seu saber e a sua bolsa, engrandecendo este venerando padrão que tantas gerações amaram e que custou tanto sangue portuguez. Concedel-o a portuguezes para o venderem a estrangeiros, isso nunca. Nem creio que haja um parlamento portuguez que approve tal attentado.

JULIO MARDEL.



Centenario da Guerra Peninsular

1808-1908

«... aquelle pobre e desgraçado monarcha, de quem a Historia só tem a censurar a excessiva bondade... e alguma fraqueza.»

Arthur Lamas — *Medalha commemorativa do casamento do Infante D. João, depois D. João VI, com D. Carlota Joaquina de Bourbon, e do da Infanta portugueza D. Mariana Victoria com D. Gabriel de Hespanha, artigo inserido em O Archeologo Portuguez, vol. XII, setembro a dezembro, 1907, n.º 9 a 12.*

Parárá nas mãos de um soldado o movimento revolucionario que tivéra inicio retumbante na tomada da Bastilha, aos 14 de julho de 1789 e batismo glorioso dos campos de batalha em Valmy, contra os prussianos, durante o dia 20 de setembro de 1792 e em Jemmapes, contra os austríacos; no correr de 6 do mez de novembro seguinte.

De triumpho em triumpho, o antigo feliz artelheiro de Toulon conseguira empolgar o mando supremo e cingir uma corôa imperial!

Desejando abater a Inglaterra, determinou isolá-la do resto do mundo, fazendo-lho fechar os portos aos seus navios e neste sentido ordenou a Portugal que lhe obedecesse e ao general Junot que avançasse para Lisboa, a fim de tornar firme um tal proposito (1807).

Nesta conjuntura, estando a fundar o mez de novembro do citado anno, — aquelle pobre e desgraçado monarcha — conforme se exprime Arthur Lamas no erudito artigo acima citado — aquelle —, então principe regente no impedimento da dementada rainha D. Maria I, sua mãe, fugiu para os seus dominios nas Terras de Santa Cruz, sendo a cidade da Bahia o primeiro ponto do Brazil onde desembarcou em 21 de janeiro de 1808.

Alludindo a Napoleão, lê-se na *Historia Universal*, por Cantú:

«Quando uma deputação de portuguezes se apresentou diante d'elle em Bayonna, sem esperar que tomassem a palavra, disse-lhes: — Não sei ainda o que hei de fazer de vós; isso depende dos acontecimentos. Estaes no caso de formar um povo? tendes o volume necessario? O vosso principe abandonou-vos, fez com que os inglezes o conduzissem ao Brazil; fez uma grande loucura, de que se ha de arrepender.»

No 1.º de maio de 1808, achando-se já instalada a familia real portugueza, no Rio de Janeiro, era assinado para circular a todos os ventos do espaço o *Manifesto* que, attenta a oportunidade apothética do momento, vou transcrever na integra do seu introito:

«A Corte de Portugal, depois de ter guardado o silencio, que era proprio das difficeis circumstancias, em que se achou, e até ao momento, em que o novo Assento do Governo estivesse estabelecido; julga dever á sua Dignidade, e á Ordem, que occupa entre as Potencias, a exposição verídica, e exacta da Sua Conducta, sustentada por factos incontestaveis; a fim de que os Seus Vassallos, a Europa imparcial, e ainda a mais remota posteridade possam julgar da pureza de Sua Conducta, e dos principios, que adoptou, seja para evitar uma effusão inutil do sangue dos Seus Povos, seja porque não pôde persuadir-se que tratados solemnes, e de que haviam cumprido as Condições onerosas a favor da França, pudessem parecer objectos de pouco preço aos olhos de um Governo, cuja desmedida, e incommensuravel ambição não tem limites, e que em fim tem de todo tirado a poeira dos olhos aos que se acham mais prevenidos em seu favor. Não é com injurias, nem com vãos, e inuteis ameaças que a Corte de Portugal levantará a Sua voz do seio do novo imperio, que vai crear; é com factos autenticos e verdadeiros, expostos com a maior singeleza, e moderação, que fará conhecer á Europa, e aos Seus Vassallos tudo, o que acaba de soffrer; que despertará a attenção dos que podem ainda desejar não serem victimas de uma tão desmedida ambição, e que poderão ainda sentir quanto a sorte futura de Portugal, e a restituição dos Seus Estados invadidos sem declaração de guerra, e, no seio da paz, deve ser preciosa para a Europa, se espera ver renascer a segurança, e a independencia das Potencias, que d'antes formavam uma especie de Republica, que se balançava, e se equilibrava em todas as suas diferentes partes. A invocação e a appellação para a Providencia Divina, é a consequencia desta exposição; e um Principe Religioso sente todo o valor

desta pratica, pois que o crime nem sempre fica impune; e a usurpação, e a força se gastão, e consomem pelos esforços continuos, que são obrigadas a empregar para se conservarem.

A Corte de Portugal vio com lastima principiar a Revolução da França; e deplorando a sorte do virtuoso Rei, com quem tinha relações de sangue tão estreitas, não julgou todavia prudente tomar parte alguma na guerra, que o procedimento dos Malvados, que dominarão, e dessolarão a França, (até pela confição do Governo actual) obrigou a todas as potencias a declarar-lhes; e ainda dando soccorro á Hespanha para a defeza dos Pyreneos, procurou sempre guardar a mais perfeita Neutralidade...»

No epilogo do documento de que acabo de transcrever as linhas precedentes, encontra-se a *Declaração* concebida nos termos seguintes:

«S. A. R. rompe toda a communicação com a França; chama aos seus Estados todos os Empregados naquella Missão, se é que algum possa ainda alli achar-se; e authoriza os Seus Vassallos a fazer a Guerra por Terra e Mar aos Vassallos do Imperador dos Francezes.

S. A. R. declara nullos e de nenhum effeito todos os Tratados, que o Imperador dos Francezes O obrigou a assignar, e particularmente os de Badajós, e de Madrid em 1801, e o de Neutralidade de 1804; pois que elle os infringio, e nunca os respeitou.

S. A. R. não deporá jámais as Armas, senão de accôrdo com o Seu Antigo, e Fiel Alliado S. M. Britanica; e não consentirá em caso algum na Cessão do Reino de Portugal, que fórma a mais antiga Parte da Herança, e dos Direitos da Sua Augusta Familia Real.»

Que ironia tão completa! e cingiu a corôa d'este paiz uma semelhante creatura que longe, muito longe da terra da patria assim prometia não depôr as armas na sua defesa!

Que armas e que defesa!!!

As armas forjão-as o povo, unico defensor dos lares, e elle e só elle, nada ficando a dever áquelles que haviam desertado do seu legitimo posto de nobreza e de honra, operou decididamente na causa da dignidade nacional e da independencia do seu solo estremecido.

Quando os governadores do reino pela realza ausente, convidaram a população a pegar em armas contra os invasores da patria, puderam dirigir-se com toda auctoridade de facto consummado aos heroicos descendentes dos navegadores de todos os mares e dos descobridores de todos os continentes.

Eis alguns periodos da sua proclamação no sentido indicado:

«Sim, portuguezes, vós tendes immortalizado o vosso nome. Hespanha e Portugal tem sabido resistir ao tyranno, que tinha avassalado todo o norte da Europa, e lançado os ferros aos povos da Italia: a peninsula foi o escolho aonde tem vindo quebrar-se as forças do despota, que no delirio do seu orgulho tem ousado apellar-se o Arbitro dos Povos e dos Reis. Mas, portuguezes, não basta ter uma vez vencido: é necessario para conservar a liberdade oppor uma barreira irresistivel aos novos esforços do insaciavel Napoleão.»

A data da proclamação dos governadores foi o dia 9 de dezembro de 1808, isto é, anterior ás invasões de Soul e de Massena.

O anno, portanto, de 1908 é genuinamente o anno que nos cumpre consagrar como centenario da resistencia inicial que nos valeu mais tarde, após o Vimeiro (21 8.º-808), o Bussaco (27-9.º-810) e as famosas linhas de Torres (novembro do mesmo anno), a completa libertação do territorio continental.

Não resisto a inserir n'este lugar a synthese brilhantissima das occorrencias a que me reporto, com a qual o meu saudoso parente e amigo D. Antonio da Costa opulenta o capitulo terceiro do seu livro *Historia do Marechal Saldanha*:

«O reinante fugido, a nobreza dispersa, o commercio paralyzado, exhausto o erario, a esquadra singrando para os mares americanos e deixando na orphandade o Tejo em perigo, a invasão irrompendo, com duas calamidades, a amizade fingida e a assolação desrebuçada: eis o quadro lastimoso. Em tão densas trevas só uma luz entreluzia esmorecida ás vistas geraes, mas concentrando em si toda a força do brilho que na propicia occasião lançaria em jorros: era o povo.

O povo protestava a cada momento. Logo após a entrada dos invasores em Lisboa, assim o

mostrou, atirando sobre elles, a troco mesmo da pena de morte imposta aos que fizessem uso de armas ou fossem simplesmente cabeça de motim. Nas procissões, nos arraiaes, em qualquer dos seus ajuntamentos, protestava contra a policia do elemento francez; nas povoações pequenas, protestando com as anteaças, sacrificava as proprias vidas; quando via arriar no castello de S. Jorge a bandeira das Quinas protestava com os seus tumultos; quando assistia no theatro ao desenrolar da bandeira tricolor entre vivas ao despota que representava a sujeição, respondia, embora inerte, levantando vivas a Portugal e recebendo das balas estrangeiras a morte gloriosa do martyrio; até que por fim, sem armas, sem munições, sem tropa, sem recursos de ataque nem de defeza, desfaldando a sua bandeira da independencia nacional, ergueu-se do norte ao sul, apresentando por trincheiras os peitos, por espingardas de guerra as enxadas do trabalho, por viveres as fazendas, e de todos formando um só, gigante que surgia do solo portuguez, collocou-se frente a frente do gigante do mundo, e despedaçou-o com a valentia do seu braço e com a justiça do seu direito.»

Sem esta Peninsula, matadouro e cemiterio dos francezes de então, o que não haveria logrado Bonaparte? — e sem este povo, inimigo fidalgo dos intrusos, como seriam esmagados e expulsos por tropas regulares, os invenciveis de Marengo, Austerlitz e Wagram?!

Celebrémos com jubilo o centenario das glorias do povo de que somos membros; mas, fazendo-o, provémos com segura e nitida comprehensão dos deveres civicos, não confundir em nossa mente o que importa atribuir a agentes responsaveis com a inculpabilidade das nações.

A França, a admiravel França, que tanto nos atrae e encanta, não teve culpa dos actos de Napoleão.

Cantando os nossos antigos e inolvidaveis triumphos sobre as aguias do côrso, nós prezámos e respeitámos o povo francez, a nação franceza.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



Portugal na Exposição Nacional do Rio de Janeiro

A festa inaugural e a Secção Portugueza do Belas Artes

São consoladoras as noticias que nos chegam do Rio de Janeiro, ácerca da Exposição Nacional solemnemente inaugurada no dia 10 de agosto. Toda a imprensa fluminense a festeja com entusiasmo, e muito em especial se refere á Secção Portugueza, que para muitos é surpreendente a variedade e perfeição dos productos expostos, desde os agricolas até aos artefatos das industrias manufadoras.

A secção de Belas-Artes, essa sobre tudo, despertou extraordinario interesse e levantados elogios, em que os jornaes são unanimes.

De facto, as obras que enchem o pavilhão anexo destinado ás Belas-Artes, atestam um renascimento operado nestes ultimos trinta annos, em que se tem progredido largamente, pelo esforço grande de um punhado de artistas que fariam a gloria da arte em qualquer país onde apparecessem.

Não admira, pois, que a Exposição de Belas-Artes, chamasse desde logo a attenção do grande publico fluminense, como logo mereceu todas as honras do governo federal e do presidente da grande Republica, sr. dr. Affonso Penna, que a foi inaugurar com toda a solemnidade.

A esse acto assistiu o commandante, officiaes e guarnição do crusador *Rainha D. Amelia*, que havia dias fundeava nas aguas do Guanabara, e ali fôra representar Portugal na comemoração que o Brasil celebra do centenario da abertura dos seus portos ao commercio do mundo, como o OCCIDENTE já referiu no seu n.º 1064.

No grande certamen nacional em que o Brasil quiz reunir as suas forças produtoras numa festa do trabalho, que é hoje a principal gloria das nações cultas, abriu uma honrosa excepção para Portugal convidando-o a partilhar dessa festa de familia considerando-nos com justiça e amor como irmãos, justiça e amor a que correspondemos com todos os afetos do nosso coração.

E' disto uma prova o entusiasmo com que os portuguezes accorrem ao convite que lhes foi dirigido pelo governo brasileiro, e graças aos bem

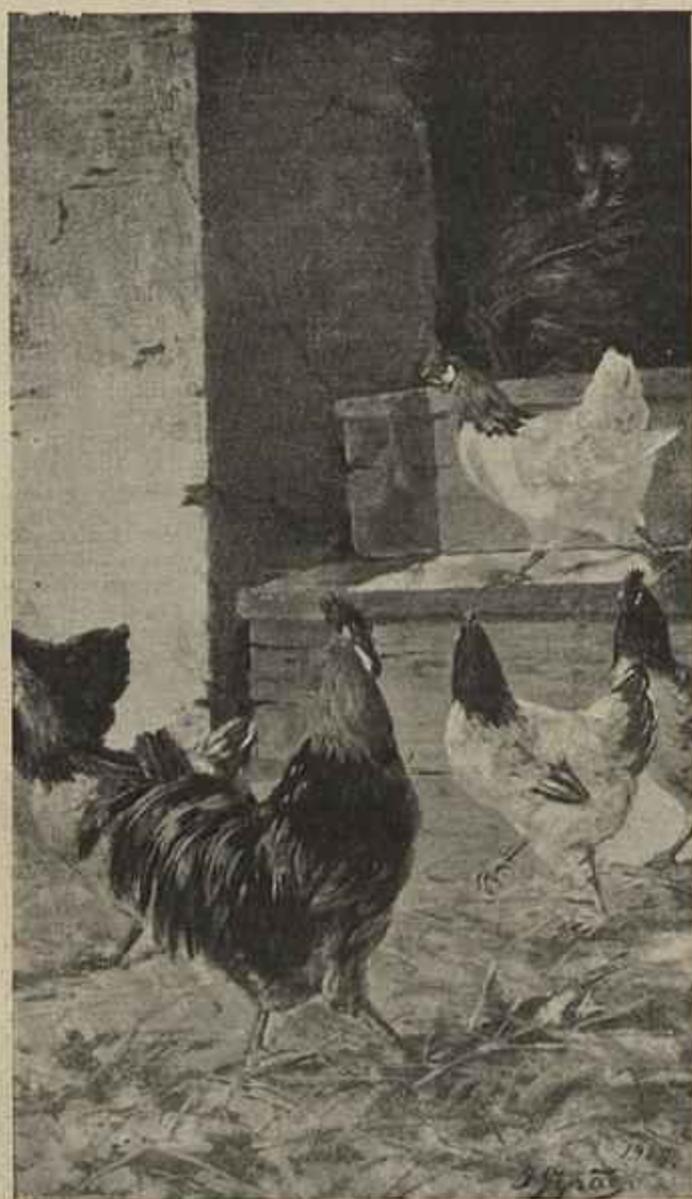
Portugal na Exposição Nacional do Rio de Janeiro



BERNARDIM RIBEIRO — *Esculptura de Costa Motta.*



OS FERREIROS — *Quadro de Ribeiro Junior*



UM VALENTE — *Quadro de Gyrão*



A INDUSTRIA — *Esculptura de Thomaz Costa*

A Feira de Agosto

dirigidos trabalhos da Comissão Portuguesa, que tão patrioticamente se empenhou para que este país se apresentasse condignamente no grande certamen, é certo que todas as suas forças produtoras se representaram largamente, de modo que, sendo pequeno o espaço de 3.000 metros quadrados que lhes era destinado pelo governo brasileiro no pavilhão português, teve esse espaço de ser ampliado com mais 1.200 metros onde se construiu um anexo especialmente destinado à secção de Belas Artes.

A forma brilhante com que Portugal concorreu áquelle certamen, tem sido lisongeiramente apreciada pelo governo brasileiro e comissão executiva, merecendo carinhosas referencias do digno presidente desta



UM ASPETO GERAL DA FEIRA

a concorrência que invade todo o recinto é espantosa e nella figuram todas as classes sociais. Chegam carruagens e automoveis com familias donde se apeiam gentis senhoras com riquissimas toilettes. Os bords e barcos a vapor despejam a cada momento centenas de pessoas; e toda esta multidão recebe com calorosos aplausos o Presidente dr. Affonso Penna e o seu governo federal, quando, pelas 2 horas, chega á Exposição, onde é esperado por todos os altos dignitarios, elemento militar e civil da Republica, corpo diplomatico e tudo que de mais distinto ha na sociedade fluminense.

Tocam então as musicas o himno nacional, sôa a artilharia das baterias do Colegio Militar e os alumnos deste instituto, que formam em frente do palacio dos Estados, fazem a continencia mi-

litar ao Presidente, que vai inaugurar a Exposição da Republica Nacional.

No grande salão, cheio de numerosa assistencia, toma o Chefe da Republica seu logar sob o docel, e ali profere o presidente da comissão executiva o discurso inaugural, a que acima nos referimos, relatando os grandes progressos que a industria dos Estados tem realisado e que para muitos será completa surpresa.

Terminado o discurso, o Presidente dr. Affonso Penna declara inaugurada a Exposição Nacional, salvando então a artilharia em terra e no mar e tocando as bandas o himno da Republica no meio das ovações do povo.

O Presidente com todo o seu luzido cortejo passa a visitar a Exposição dos diferentes Estados e secções, dirigindo-se por fim ao pavilhão e anexo de Portugal, como já referimos.

No pavilhão dos Correios e Telegraphos, fez o sr. Presidente dr. Affonso Penna um telegrama dirigido a El-Rei D. Manoel, nos seguintes termos:

«A S. M. El-Rei D. Manoel, Lisboa. Ao visitar o Pavilhão de Portugal, que acaba de ser inaugurado, apresento minhas congratulações a Vossa Magestade, pelos progressos das artes e industrias portuguezas.»

Todos devemos folgar com este auspicioso acolhimento, que bem aproveitado deve dar os melhores resultados para as nossas artes e industrias, que tanto carecem de expansão para mais se desenvolverem, e os mercados do Brasil pôdem auxiliar de modo efectivo esse desenvolvimento.

As Belas Artes, que numerosamente concorreram áquelle certamen, como relatámos no citado n.º 1063 desta revista, vêmos quão lisongeiramente foram acolhidas pelo publico.

E' dellas que ainda hoje nos ocupamos reproduzindo pela gravura as obras de mais alguns artistas que concorreram.

Entre essas obras conta-se a primorosa estatua de Bernardin Ribeiro, o mavioso poeta apaixonado, que dedilha aquellas canções com que embalou seus amores aos pés de uma princesa. Costa Motta o autor desta escultura deu á sua obra todo o sentimento poetico a par dos primores da modelação.

Costa Motta é um artista já consagrado por muitos outros trabalhos de alto valor,



O RESTAURANTE DAS CALDEIRADAS

sr. dr. Antonio Olynt'io, no seu discurso inaugural, taes como a seguinte:

«Além do que mandaram os Estados, brilham na Exposição, fraternizando com os nossos, produtos da industria portuguezas. Era justo que viessem elles associar-se a uma solemnidade que rememora uma data igualmente assignalada na metropole de onde nos vieram os primeiros ensinamentos e o movimento inicial da nossa vida economica, que hoje vamos balancear.»

O que foi essa festa inaugural da Exposição, não se descreve facilmente, assim o diz em carta um nosso correspondente do Rio de Janeiro.

Aquelle dia ficará memoravel na historia da Republica Federal, não só pela fraternidade afirmada entre os Estados, como pelo brilho extraordinario da solemnidade.

Na ampla praia Vermelha, que as aguas do Guanabara beijam amorosamente, erguem-se agora os diferentes edificios da Exposição recortando seus graciosos contornos sobre o copado arvoredo das encostas que fazem fundo ao deslumbrante quadro. Do outro lado o mar imenso por onde a vista se espraia, dos terraços dos restaurantes aglomerados de espectadores. A' leve aragem baloçam mansamente centenas de bandeiras e galhardetes, pendentes de alterosos mastros, por onde flutua aqui e além a bandeira brasileira e o pendão das quinas, como aquelle que primeiro se levantou em Terras de Santa Cruz. O sol abrasa mas



O BOTEQUIM DA VACCARIA FLANDRES, PONTO DE REUNIÃO DO «HIGH LIFE»

(Fotografias do sr. Alberto Lima)

como os monumentos de Affonso de Albuquerque, de Sousa Martins, de Pinheiro Chagas, prestes a inaugurar-se, além de muitas outras produções que atestam em publico o seu talento.

E' esta, sem duvida, uma das suas mais delicadas produções.

Ainda outra escultura se distingue entre as mais que concorreram, como é a figura da *Industria* de Thomaz Costa, um escultor de grande merito, affirmado em muitas outras obras.

Do pintor Gyrão reproduzimos o seu gracioso quadro *Um valente*, que representa um enfatuado galo com suas submissas galinhas, que se defronta com a astuta raposa alpardade na ca poeira. Nesta especialidade de pintura não tem rival entre nós o estimado artista, a quem branquearam as cans manejando a paléta.

De um novo pintor, sr. Ribeiro Junior, que é uma lisongeira esperança para a arte, reproduzimos o seu bello quadro *Os ferreiros*, bem estudado e bem realisado nos efeitos de luz com uma verdade flagrante.

Além destas obras e das que reproduzimos em o n.º 1063, muitas outras havia dignas de figurar nesta revista, se dellas podessemos ter obtido fotografias.



A FEIRA DE AGOSTO

Quando vem o mez de agosto e o sol entra na *Cancicola*, começa a sabir de Lisboa a gente que se presa, uma grande parte para fingir de rica, que vae gosar os rendimentos para o estrangeiro, para o campo e para as praias, como é de tom e de bom gesto.

Lisboa fica então ás moscas, aos economicos, que deitam contas á vida, e ao proletariado, que não tem de que deitar contás.

Fecham os teatros, fecham-se as salas, dam-se as ultimas touradas no Campo Pequeno, e para acabarem todas as distrações ao lisboeta fecham-se este anno as côrtes, a unica coisa que ainda mexia neste mar morto da capital do reino.

Os homens de negocio dizem que é o tempo da palha — que lhes preste. Os que não são de negocio, pouco se importam com isso porque vivem todo o anno com os vintens contados.

Entretanto é preciso animar de alguma maneira a cidade.

Algun tempo armavam-se arraiaes por essas praças e ruas, com musicas, foguetes e leilões de cargos e de fogaças; havia a feira das Amoreiras, pelo Espirito Santo, e logo a de Belem, depois vinha a do Campo Grande ao cahir da folha, e com estes arraiaes e feiras se entretinha a população e se fazia algum comercio.

Vieo, porém, o progresso cá da terra e achou impróprio de uma capital os seus usos tradicionais. Abolio os arraiaes e feiras intra muros por indecentes e más figuras. Não se queriam esses espéculos e distrações saloias; nada de arraiaes aos santos populares, nem de feiras velhas nesta Lisboa formosa e risonha. Foram-se os arraiaes que alegravam a cidade, em que a população se divertia pelo Santo Antonio, pelo S. João, pelo S. Pedro, que a todos estes santos se faziam festas populares. Improvisavam-se capelinhas, armavam-se coretos e até no arraial de S. João, na praça da Alegria, se armava uma torre para sinos, que vinham emprestados do Arsenal e alegravam a gente com os seus toques do *Passarinho trigueiro*, *Pirrolito que bate*, *O saloia da-me um beijo* e mais trovas populares, características.

As feiras eram outra distração para o lisboeta, que adora os petiscos saboreados na barraca de lona com suas cortinas de ramagem de cores berantes, e o torreano bebido por tigelas a regar as belas caldeiradas, as sardinhas na grelha, que levantam labaredas do lume e cheiram mal mas sabem bem, as iscas, que cheiram melhor do que sabem, a conserva portugueza de cenouras e pimentos em vinagre de sete ladrões — que deve estar barato — e toda essa culinaria nacional que vae desde a canja de galinha até ao mixilhão com seu r r.

Não se queriam mais estas coisas na cidade e a cidade entristeceu por estes mezes de verão. Paralisou, meteu o dinheiro na bolsa, como diz Iago no *Othello*, ou fugia toda para as hortas, para os arrabaldes, e por fim o progresso cá da terra percebeu que fizera asneira.

A feira de Belem que se casara com a das Amoreiras, divorciou-se a breve trecho e esta ultima veiu assentar arraiaes ás portas de Alcantara, que Deus haja.

De muito má vontade o progresso cá da terra transegio e lá a deixou instalar por maio e junho.

A feira ali principiou a modernisar-se, com teatros e circos, com restaurantes á lista e cafés cantantes com *camarêras* pelitradas de saias de chita e lenços de seda, carrussel de cavalinhos de pau, pim-pam-pum e tiro ao alvo, uma orgia de distrações baratas para a população aos domingos e noites de estio.

Ha dois annos o progresso fez mais uma concessão obrigado pela necessidade de animar a capital, e inventou a Festa de Lisboa. Então estendeu-se a feira com seus visos de arraial pelo coração da cidade desde o Rocio e Avenida em fóra. Espalharam barraquinhas e kiosques, bazares e venda de majaricos e maringues, frutas e queijadas, loiça das Caldas e flores tão bonitas como as raparigas que as vendiam, todas socias de saias redondas, deixando ver o sapatinho de laço, aventalinhos de folhos e toucas á francesa sobre os bandós e poupas dos seus cabellos negros. Para mais alegrar as vistas e dar ares de festa levantam-se mastros embandeirados por toda a estensa feira e na Avenida arcos e festões de verdura, coretos para musicas e á noite iluminações a gaz e luz eléctrica a lampadas de côres que pendem das arvores como frutos do paraizo.

Fraternizou Lisboa com a capital do norte, que se fez representar na festa e a ella se associou o Club dos Fenianos com seus carros alegoricos e cavalcios mosqueteiros dando brilho ao cortejo noturno, que desfilou desde o Terreiro do Paço até a Avenida da Liberdade.

Foram dias e noites de festas que prometiam continuar nos annos seguintes, mas que ficaram em amostra, por motivos que não vem agora á discussão.

Foi pena, porque o publico aceitou bem aquelle resurgimento melhorado das antigas festas na cidade. Muito melhorado, até pomposo, exigindo grandes despesas para que afinal, o comercio, que mais lucrava com isso, não concorreu o bastante.

Tudo voltou como antes e Lisboa passou o verão de 1907 só com a feira de Alcantara e a de Belem, esta quando já goteja a telha e o povo tem os teatros e circos abertos em Lisboa para se divertir ás noites, não falando na praga dos animatografos.

Este anno, porém, desforrou-se. A seguir á feira de Alcantara, inaugurou-se a feira de agosto que entra pelo setembro, até que cheguem as peras cozidas e as castanhas assadas.

Uma grande feira, no futuro parque Eduardo VII, lá no alto da Avenida, uma feira a que antes se devia chamar *Centro de Diversões*, porque pouco ou nada se vende do que se traz para casa, como algum tempo se trazia da feira do Campo Grande as peças de pano de linho, os briches e os cobertores de papa para o inverno, e da feira de Belem, os peros e as maçãs, passas e nozes, com que as donas de casa muito calculadamente se forneciam para as sobremesas dos dias de festa, o de Todos os Santos, o de Natal e Anno Bom.

Da feira de agosto só se poderá trazer para casa alguma bugiaria, e no estomago alguns petiscos, pois quanto ao mais do que lá se gasta lá fica.

Para isso tem o publico por onde escolher, desde o velho tutilimundi ao moderno cinematografo, desde a apimentada revista de anno até á zarzuela, em teatros de luxo obrigados a pinho e papelão pintado com luz eléctrica, geral, superior e cadeiras para distincção das classes.

Realejos colossaes, como grandes orquestras, que tocam á porta dos espectaculos e se ouvem a meia legua de distancia. Já não se vê o palhaço sujo anunciando ao publico que pôde entrar e quem não tem cabeça não paga nada; agora são os empresarios, engravatados e limpos que fazem á porta o reclamo, descrevendo o que se representa lá dentro.

As barracas de petiscos tomaram ares de restaurantes: Capricham em apresentar suas frontarias artisticamente decoradas, e já não são reles cortinas de ramagem que devidem seus gabinetes particulares, mas biombos de papel pintado e reposteiros discretos, todos iluminados a luz eléctrica; cosinheiros de branco, onde as nodas não mancham a alvura dos seus aventaes; creadas graves e creados de casaca servem os freguezes.

Distribuem ao publico *menus* impressos das petisqueiras, e porfião qual mais hade aguçar o apetite.

Um destes restaurantes, por exemplo, anuncia as caldeiradas á marinheira comidas a caracter, na tolda de um navio armado em terra firme, com seus mastros e vergas, exatamente como a corveta *Preguiça* da Sala do Risco para exercicio dos aspirantes de marinha. Lá, daquella altura, pôde-se ter a illusão de ir por sobre as ondas, com a diferença que são ondas de cabeças do povo que vae e vem correndo por toda a feira.

Botequins ao ar livre e cervejarias. Naquelles

ha seleções, como o da vacaria *Flandres* onde o *high life* toma leite nevado e se dá *rendez-vous*.

O bazar do Albergue das Creanças Abandonadas, outro ponto de reunião, com tombolas e sortes, em beneficio daquelles pobres que não tem sorte.

Para goso do publico, a troco de 50 réis lá tem uma Grande Roda á semelhança de azenha colossal, para elevar as pessoas a grande altura, e dentro em baldes, como alcatruzes, desfrutarem o panorama, mas os que subiram o mais que gosaram foi quebrar as costélas, enfiando pelos alcatruzes abaixo.

A preventiva policia, depois do desastre, concordou que aquillo não era solido.

A' noite, mais tem que ver a feira com seus renques de luz eléctrica e arcos voltaicos, apresentando de fóra uma prespétiva linda com seu tanto de fantastica.

Para nada faltar, por lá gira a roleta rapando os ultimos cobres aos viciosos das duzenas.

E assim, o lisboeta tem agora onde entreter as noites calmosas, se não tiver que fazer serão como eu, a escrever do que foram as feiras da minha mocidade e o que é hoje a Feira de Agosto.

CAETANO ALBERTO.



Literatura açoreana

O autor da divagação que vae ler-se, o sr. Gervasio Lima, é um devotado cultor da literatura açoreana, que nos dá a impressão do que a alma de um poeta sente na terra em que vive, tendo por horisontes o vasto Oceano, onde o ceu parece á nossa vista limitar sua abobada azul.

Poeta e dos mais inspirados é o sr. Gervasio Lima, redactor e proprietario do semanario *O Imparcial*, que vê a luz publica na gloriosa vila da Praia da Vitória, e no qual publicou por occasião do assassinato de El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luis Filipe um artigo que se distinguio pela fórma elevada e sentida com que verberou tão inaudito atentado.

O sr. Gervasio Lima é, pois, um distinto literato e poeta, de que temos muito prazer em reproduzir o pequeno artigo que segue, cheio de conceito e filosofia:



GERSVASIO LIMA

FITANDO O CÉO

Noite.

Archipelagos innumeraveis de estrellas rolam no céu d'anil. Milhões d'astros — milhões d'atmos — gravitando no espaço, embalados na doce modulação das brisas, brilham como grãos de pó ás ondulações da luz.

Céu e mar — Que panoramas edificaveis! Suspenso o homem entre duas eminencias, a seus pés o grande oceano, esse tumulo sem flores — o mar; por sobre sua cabeça o céu infinito — laboratorio d'astros, ideal supremo — torna-se um eremita. Tem a sua biblia — a Natureza; o seu Evangelho — o Mundo; a sua historia — a Humanidade; o seu codigo — a Consciencia; e n'este campo, por sobre elle paira a aza suavissima do amor — o divino artista.

Que milhões de mundos pululam na infinidade do ether! Que mysteriosos seres os povoam!

Que monstros horríveis se agitam na profundidade das aguas! Que bosques deliciosos formam as algas marinhas, ornadas de perolas reluzentes e coral brilhante!

Por toda a parte o incommensuravel, o incompreensivel, sempre.

Nasce o homem ávido de saber, vive estudando e acaba ignorando.

Forma-se um planeta, brilha e some-se. Um século é um minuto na eternidade. A vida tem o mesmo analogismo, quer no astro, quer no homem, quer no átomo. Decomposições continuas, transformações successivas.

Tudo desapparece, e, todavia, nada morre.

O mundo contém moléculas; uma molécula contém mundos.

A vida é interminável, imprescritível.

Além da distancia que o telescópio desvenda ha mais ether, ha mais soes; a materia cosmica faz surgir mundos em seu infinito laboratorio. Abaixo dos seres que o microscópio descobre, myriades de vidas se agitam em espantoso turbilhão.

A natureza não tem limites; o pensamento humano sim.

A visão do espirito, serena e profunda, abrange este panorama immenso.

E' n'esta hora melancholica, em que o mundo parecê convidar-nos á meditação, que o homem pensa na pequenez do seu ser; vê desfilhar ante seus olhos os continentes e as raças, a humanidade e sua historia, todos os quadros da sua vida, sombrios e tristes, saudosos e risonhos; as dôces reminiscencias do seu passado, as inquietadoras soluções do seu futuro; e, reflectindo no grande problema universal, não satisfeita ainda a debil suggestão dos seus desejos, da sua ambição, procura desvendar a origem — abysmo de trevas onde fallece o pensamento.

No maravilhoso mecanismo celeste os corpos congregam-se pela attracção n'uma harmonia delectosa e pacifica que encanta. O mesmo acontecerá na terra quando a humanidade attingir o supremo ideal — a civilisação — que o amor reine em todos os corações.

Então a vida terá mais encantos, o sol parecerá mais brilhante, o céu mais limpido, o mar mais sereno, a brisa mais embalsamada, mais aromáticas as flôres, mais suave o canto das aves, mais frondosos os bosques; tudo mais poetico, porque o amor encerra toda a essencia da poesia.

O céu estrellado cobre nossas cabeças, a pureza de sentimentos em nossos corações, eis o sublime ideal religioso.

Todos pôdem estudar olhando.

O universo encerra uma litteratura inteira.

GERVASIO LIMA.

NECROLOGIA

Augusto Justiniano de Araujo

Victimado por uma syncope cardiaca, falleceu, em 14 de agosto, este bem conhecido relojoeiro cosmochronometrista. A sua morte, verdadeiramente inesperada, porquanto Justiniano de Araujo havia sempre gosado boa saúde, causou profundo pesar entre os seus muitos amigos, que lhe apreciavam o privilegiado talento e graça incomparavel.

Nasceu a 19 de fevereiro de 1843, em Valença, filho de D. Maria Pereira de Araujo e de Antonio Corrêa de Araujo.

Tendo-se matriculado no Collegio Militar para seguir a carreira de seu pae, que fôra ajudante d'ordens do marechal Saldanha, abandonou pouco depois aquelle estabelecimento para se dedicar a arte de relojoaria, em que foi iniciado por seu padrasto.

O joven artista revelou logo prometedoras aptidões, que se foram aperfeiçoando successivamente com as lições dos melhores mestres de relojoaria de então, os conhecidos fabricantes Wintermantel, Plantier e Gameiro, matriculando-se tambem no Instituto Industrial, onde em 1863 cursou as aulas de mechanica, physica e mathematica. Procurou sempre estar em dia com os progressos da sua arte, que elle aperfeiçoou com valiosos inventos de largo alcance.

Dotado de multiplas aptidões artisticas e mechanicas, possuia tambem um bello ouvido, que lhe permitia o entregar-se ao concerto e afinação de pianos, órgãos, caixas de musica, etc., vindo mais tarde a consagrar-se especialmente ao fabrico de instrumentos chronometricos e relóios de torre, de varios systemas e do *Cosmochronometro* regulador das horas em todos os logares do mundo, um notavel invento de que tirou privilegio em 1888, tendo offerecido um exemplar á Sociedade de Geographia, que o contava no numero dos seus socios effectivos mais antigos e como tal o inscreveu no seu quadro de honra.

Justiniano de Araujo foi um activo propugnador da industria nacional, sendo considerado o pri-



AUGUSTO JUSTINIANO DE ARAUJO

meiro entre os relojoeiros constructores portugueses.

A sua privilegiada aptidão mechanica comprazia-se na resolução das maiores difficuldades em concertos de chronometros e de apparatus de precisão, não havendo impossiveis perante a sua extraordinaria capacidade inventiva, que o familiarisou com muitas personalidades em evidencia no país, as quaes o procuravam depois de terem, debalde, consultado afamados artistas estrangeiros.

Araujo, como todos ou quasi todos os verdadeiros artistas, era um excentrico, um original, e possuia um humorismo captivante, que lhe acarretava grandes sympathias. Nunca procurou pôr as suas raras qualidades inventivas ao serviço de uma grande empresa, de que poderia ter auferido lucros razoaveis, apesar da reluctancia conhecida entre nós pelo desenvolvimento das industrias existentes ou susceptiveis de serem aqui introduzidas.

Além dos seus inventos relativos a relojoaria, apresentou outros de não somenos importancia, embora não chegassem a ser postos em pratica, taes como: apparelho salva-vidas, em casos de incendio, apparelho registador automatico da hora de tiragem da correspondencia dos marcos postaes e um outro para a distribuição da hora aos domicilios, do qual a imprensa se occupou em setembro de 1898, data em que o distincto artista requereu á Camara Municipal o exclusivo para a collocação de linhas electro-chronometricas para o estabelecimento da hora aos domicilios, a exemplo do que se praticava em Berne e noutras cidades estrangeiras.

A sua competencia profissional verificou-se não só como relojoeiro constructor, mas tambem como escriptor tecnico, tendo fundado e dirigido a revista illustrada de relojoaria e electricidade, denominada *O Cosmochronometro*, premiada na Exposição da Imprensa em 1898 com o diploma de merito.

Concorreu á Exposição de Belem em 1881 e á Exposição Industrial Portugueza de 1888, onde apresentou diferentes systemas de relóios de sála, torre e de precisão, que lhe mereceram as medalhas de prata e cobre.

Os relóios de torre de seu fabrico estão dissimulados pelo continente, ilhas, colonias e Brazil, havendo alguns na capital, como por exemplo os do Mercado da Ribeira Nova, Santo Antonio dos Capuchos, Santa Izabel, etc.

O fallecido provedor da Real Casa Pia de Lisboa, Francisco Simões Margiochi, que muito de perto conhecia os elevados meritos profissionais d'este illustre industrial, nomeou-o director tecnico da Officina Escola de Relojoaria, que aquelle chorado provedor ali fundára e que

terminou com a sahida do iniciador de tão util e patriotico melhoramento.

Data d'essa época (1894) a restauração do relóio da igreja de S. Domingos de Bemfica, feita pelos alumnos da Casa Pia sob a direcção de Araujo, que conservou a feição historica e artistica do curiosissimo relóio.

Foi tambem Araujo quem transformou o relóio da rua Augusta, construcção nacional e estylo do seculo xvii, deixando assim vinculado o seu grande talento artistico a muitas obras nacionaes.

Justiniano de Araujo foi director tecnico da Empresa Fabril de Relojoaria e Artes Congeneres, que elle planeára com a collaboração de Francisco Antonio Rodrigues, e foi fundador e secretario da extincta Sociedade de Relojoaria de Lisboa.

Era ha muitos annos relojoeiro dos hospitaes civis, logar para que foi nomeado pelo enfermeiro-mór dr. Ferraz de Macedo, um dos seus mais entusiastas admiradores.

A morte de Augusto Justiniano de Araujo representa pois uma grande perda para a arte e industria nacionaes.

A' sua desolada viuva D. Maria Emilia Marques de Araujo e a seus filhos D. Anna Augusta Marques de Araujo, professora da Escola Normal de Lisboa, e esposa do nosso presado amigo sr. Macedo de Oliveira, professor do Lyceu e collaborador do *OCCIDENTE*, e sr. Luciano Augusto Marques de Araujo, endereçamos os nossos sentidos pezames.

General Montenegro

Não é nas breves linhas deste necrologio que se pôde fazer a biografia do illustre general, que, no dia 30 de agosto, pagou á morte o imperdual tributo a que estão sujeitos todos os seres vivos. Vamos, pois, apontar os topicos principaes de sua vida prestante e lidimo character que distinguam o morto, cuja falta é geralmente sentida.

Augusto Pinto de Miranda Montenegro, nasceu na cidade do Porto, a 15 de novembro de 1829. Formado em mathematica pela Universidade de Coimbra e completado o curso de engenharia na Escola do Exercito, foi logo comissionado para as obras publicas, que dirigiu em diferentes distritos do país e ultramar.

Vê-se, pois, que não foi um militar da fileira, mas nem por isso foi menos prestante ao seu país, que serviu com rara dedicacão e intelligencia, nas variadas commissões que desempenhou.

Na direcção das obras publicas de Cabo Verde prestou relevantes serviços que foram reconhecidos pelo governo, agraciando-o com a camenda de Cristo. Tomou parte ativa na direcção das obras dos caminhos de ferro portuguezes.

Era ultimamente inspétor geral de engenharia e presidente do Conselho de Melhoramentos Sa-



GENERAL AUGUSTO PINTO DE MIRANDA MONTENEGRO

nitários a que dedicou estudos serios e promoveu medidas de alcance. Em 1890 foi nomeado fiscal do governo junto da Companhia das Águas.

Figurou também com vantagem na política portuguesa, filiado no partido reformista que de pois se fundiu no progressista. Eleito deputado às côrtes, occupou distintamente o seu lugar. Quando o bispo de Vizeu formou governo, convidou o general Montenegro para ministro das obras publicas, honra e cargo que muito modestamente declinou por o julgar superior ás suas forças.

Comtudo, quantos teem aceitado e até procurado estas honras, com menos merecimentos que o illustre estinto!

O general Montenegro, cuja illustração era vasta, deixa trabalhos apreciaveis sobre as comissões de serviços que desempenhou, de que citaremos as seguintes:

As Águas de Lisboa, 1893; Plano de exercicio de uma brigada mixta,



ALFERES JÁRA DE CARVALHO, VENCEDOR NAS CORRIDAS DE SALTO DA ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA

Os saltos começaram a altura de 1^m.50 e só concorreram os srs. alferes Jára de Carvalho e Constancio, aspirantes Delfim Maia e H. Barata. Todos saltam 1^m.50; a 1^m.85 é eliminado o aspirante Barata; a 1^m.60 é eliminado o aspirante Maia; a 1^m.95 é eliminado o alferes Constancio. Ganha o alferes Jára de Carvalho, no seu cavallo Jau, meio sangue, que transpõe a altura maxima de 1^m.95. No ultimo campeonato internacional de Roma a maxima altura transposta pelos concorrentes foi de 1^m.70.

1895; Memoria sobre as aguas de Lisboa, 1895; Tables pour calculer les fleches des pontus droites metalliques, 1897; A hygiene das habitações, 1901; Bairros operarios, 1903; O inquerito aos pateos de Lisboa, 1903; O inquerito de salubridade das povoações mais importantes de Portugal, 1903; Condições de habitação, 1904; Saneamento das povoações, 1905; O saneamento de Lisboa, 1906; e a Hygiene urbana em Portugal, 1906.

Apesar da avançada idade, trabalhou sempre no desempenho de suas funções, o que não deixaria de lhe preparar a angina petoris de que foi vítima.

Homem cheio de bondade, deixou em todos quantos o conheciam e nos proprios subordinados profundo sentimento a sua morte.

O general Montenegro era pae do sr. conselheiro e ministro de estado honorario dr. Arthur Montenegro.

COUTO & VIANNA — ALFAYATES



Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionais e estrangeiras



R. do Alecrim, 111 1.º (à P. Luiz de Camões) — Lisboa

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Casa Santos Camiseiro

24. 25. Praça de D. Pedro (Rocio, lado occidental), 21. 25 = 20, 22, Rua do Principe, 20, 22

LISBOA

SECÇÃO DE CAMISARIA

- Camisaria — Variado sortimento de camisas, camisolas, punhos, collares de todas as qualidades e feitios.
- Gravataria — Ultimas novidades em gravatas, mantas, cache-nez, cache-col e lenços de seda.
- Luvaria — Luvas de fabrico nacional e inglezas para senhoras, homens e creanças.
- Perfumaria — Tudo o que ha de mais fino em extractos, essencias, sobonetes, etc.

Além d'estes artigos que constituem a especialidade d'esta casa encontra-se sempre o mais completo sortimento roupas brancas para homens e senhoras, para cama e mesa: meias, lenços, edredons, bengalas e chapéus de chuva, etc.

EXECUTAM-SE ENXOVAES

DEPOSITO DAS AFAMADAS RENDAS DE PENICHE

Marcenaria 1.º de Dezembro

REIS COLLARES & C.ª

168, Rua da Rosa, 168 — Lisboa

Telephone n.º 833

Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

NEGOCIOS

Trata-se em Lisboa de negocios de pessoas que estejam no Brazil, Africa ou qualquer terra do reino, garantindo-se toda a seriedade. Para informações dirigir carta á

Empreza do «Occidente»

LISBOA

E. Santos & Freire

Secção especial de Comissões, Consignações, Representação e commercio de Conta Propria de Vinhos, Azeites, Conservas e mais generos similares

Todos os artigos são escolhidos dos de melhor fabricação e fornecidos pelos preços do custo accrescidos sómente d'uma pequena commissão

Encarregam-se da collocação de fundos, recebimento de juros e dividendos e liquidação de quaesquer negocios commerciaes mediante modica commissão

VINHOS DE MESA: TINTO E BRANCO — PORTO, MADEIRA, COLLARES E AZEITES

DE PUREZA GARANTIDA E MARCAS ESPECIAES DA CASA

Esta secção está a cargo do socio Fernando Freire bastante conhecido no Rio de Janeiro onde esteve muitos annos